CRÍTICA GENÉTICA E EDUCAÇÃO — TRANSPOSIÇÕES DE RESULTADOS DE ESTUDOS DA CRÍTICA GENÉTICA PARA O ENSINO DE REDAÇÃO

VERA MARIA P. GOZZO
CENTRO DE ESTUDOS DE
CRÍTICA GENÉTICA
P U C / S P

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar a relevância de algumas transposições de resultados de estudos em crítica genética para o ensino de redação, e propor uma nova metodologia a partir de uma mudança de atitude, tanto por parte do aluno quanto por parte do professor, em relação à produção escrita.

RÉSUMÉ

Cet article veut souligner l'importance du transfert de quelques résultats acquis en critique génétique dans l'enseignement de la rédaction, et proposer une nouvelle méthodologie à partir du

changement d'attitude des deux partenaires en jeu, l'étudiant et le professeur.

ABSTRACT

The aim of this article is to emphasize the importance of the transposition of the results of the studies on genetic criticism to the teaching of writing, and to offer a new methodology based on the change of attitude, of both the teacher and the student, in relation to writing.

a partir de um atento acompanhamento dos estudos genéticos que tomam como objeto de análise os documentos de processo de escritores, constatei a relevância do transporte dessas pesquisas para o âmbito educacional.

A idéia de escritura como processo seria a base de sustentação para tal transposição. Não ignorei, porém, que o processo de escritura do aluno é um processo gerado artificialmente, cujo propósito foi imposto pelo professor, para uma futura avaliação. Mas, como meu interesse de pesquisa estava centrado na idéia de "processo", coube estender esta consideração para o ensino de redação.

Faz-se necessário, entretanto, numa etapa introdutória, apontar para o leitor, à medida do possível, visto que a teoria que lidamos é nova, os resultados de pesquisas em crítica genética, pois os mesmos nortearam o percurso do meu trabalho, além de fornecerem subsídios necessários para a transposição proposta, bem como para os resultados e possíveis descobertas.

RELAÇÕES E TRANSPOSIÇÕES

Os estudos genéticos consideram o texto como resultado de um contínuo processo com uma tendência, cujo produto é permanentemente modificado e avaliado pelo escritor. Processo este dinâmico, em mutação, em que é possível se fazerem alterações, correções, um texto por ser acabado. O crítico genético volta-se,

assim, para o processo de produção e não para o produto definido.

O interesse da crítica genética, voltado para o processo criativo artístico, tem por objetivo de investigação a compreensão deste processo e dos mecanismos que sustentam a produção textual, ocupando-se, portanto, da relação entre texto e gênese. Trabalha-se com o caminho percorrido pelo escritor para chegar à obra publicada: manuscritos em geral, rascunhos, notas, diários, documentos que testemunham o percurso da produção textual – todo suporte material da escritura. Os estudos literários passam, deste modo, a incorporar um objeto para além dos limites da obra publicada: a sua escritura. É, portanto, “uma pesquisa baseada em documentos *em processo*, em oposição a pesquisas que se valem de produtos acabados ou produtos de forma cristalizada” (S ALLES, 1992: 26). O pesquisador tem, assim, o privilégio de conviver com marcas deixadas no momento da criação e não tocadas por mãos publicadoras.

E, ao delimitar seu objeto de estudo nos *documentos de processo*, a Crítica Genética me incitou, como professora de redação, num espelhamento, a considerar a produção escrita do aluno também em seu contexto mais amplo, em sua escritura, como algo que caminha, tentando se moldar, se plasmar.

A CRÍTICA GENÉTICA E OS CRIADORES

Reflexões sobre o processo de criação estiveram sempre presentes no fazer do próprio criador, com o intuito de desvelar e compreender a elaboração da obra de arte. E o geneticista, ao valorizar o processo de criação, está em companhia dos próprios criadores que em certos casos chegam a privilegiar esse processo.

Paul Valéry confessa seu hábito de estar “mais atento à formação ou na fabricação das obras do que às próprias obras” (...) e “de não apreciar as obras senão como ações” (V ALÉRY, 1991: Prefácio).

Já Jakobson enfatiza a valorização do processo criativo ao dizer que “o estudo da literatura deve reconhecer o processo como seu único herói, se quiser tornar-se uma ciência” (APUD SALLES, 1992: 21).

Julia Kristeva distingue um produto acabado – denominado fenotexto – de uma produção inacabada, sintática e/ou semântica – o genotexto – irreduzível à estrutura gerada. Ela nos direciona a privilegiar o desempenhado e não o representável, quando afirma “que todo texto literário pode ser encarado como produtividade”. Aponta os textos modernos de Joyce, Mallarmé e Lautréamont, em sua própria estrutura, “como produção irreduzível à representação e justifica que “uma semiologia da produção deve abordar estes textos, justamente para alcançar uma prática escritural voltada para a produção” (KRISTEVA, 1968:296). Este enfoque teórico é reforçado pelo geneticista Louis Hay ao afirmar que a realidade mais profunda do texto se encontra na produtividade – na infinidade de transformações possíveis e não no produto. Nos diz, também, que a crítica genética “cruza no tempo com a teoria do texto e a prolonga, ocupando-se por sua vez com a relação entre texto e gênese, com os mecanismos da produção textual” (HAY, 1991: 20).

Pode-se, portanto, perceber que neste privilegiar do processo, cria-se a necessidade da descoberta dos mecanismos de funcionamento do mesmo e dos critérios utilizados para que esse processo se concretize e se desenvolva.

A crítica genética veio de um forte desejo de penetrar na razão do processo de criação artística, baseando-se, para cumprir seu propósito, no percurso do criador e ocupando-se da relação entre texto e gênese, procurando, mais especificamente, pelos mecanismos deste processo. “Cabe a ela examinar a escritura em si, no que ela tem de palpável, de visível, de cognoscível” (SILVA e Salles, 1990: 5). Ela tem no processo da criação, na construção de uma obra de arte qualquer, erudita ou popular, pictórica ou literária, sua razão de ser e aprofunda-se neste processo para desmontá-lo e reconstituí-lo ao seu movimento, ao inacabado, ao provisório, às incertezas e ao devir.

O crítico genético quer exatamente ver a criação por dentro. “O pesquisador busca a história secreta das criações; vive numa estreita ligação com um ato eminentemente íntimo e procura pelos princípios que regem este ato” (SALLES, 1992: 23). Em seu interesse pelo processo, o pesquisador em crítica genética assiste ao espetáculo da construção de uma obra por uma mente criadora e

investiga o texto em seu vir-a-ser, revelando fases da escritura e o sistema responsável pela geração da obra.

Ora, esta nova perspectiva me convidou a um mergulho neste estudo, já que anos de atividade no ensino de redação denunciavam que um dos pontos cruciais da dificuldade e até mesmo bloqueio do aluno estava no desrespeito e desconhecimento de seu percurso criador, como também na desvalorização e até mesmo medo de mostrar este processo.

Assim, considero pertinente, neste trabalho, resgatar e transcrever colocações de alunos conhecidas por todo professor de redação, no intuito de confirmar minha observação anterior.

“Posso fazer rascunhos antes?”

“Não leia agora. É só rascunho.”

“Resolvi mudar algumas palavras. Posso rasurar ou fica assim mesmo?”

“Posso deixar esta rasura ou passo tudo a limpo?”

Assim, o conhecimento da crítica genética iluminou meu caminhar à medida que me convidava e possibilitava, como professora de redação, a considerar o produto entregue do aluno como *produção* e seu texto escrito entregue como *textos-escritura*.

E, compreender a escritura pressupõe a compreensão do processo pelo qual esta se produziu, a partir da visão do seu construtor, o homem, visto como um ser produtor de significados para alguém; ser histórico, precedido por tradições, sujeito, portanto, às facticidades, sejam estas derivadas do mundo em que habita, ou próprias à sua condição humana. E, sob este aspecto de análise, o pesquisador em crítica genética trata com um objeto que é caracterizado por seu aspecto comunicacional de caráter intrapessoal – um exemplo de dialogismo interno. Um diálogo interior conduzido pela própria mente do criador, uma mente num momento especial.

Cecília Salles diz que o pensamento do criador mostra ser dialógico em sua fase de gestação: “é o seu pensamento dialogando com diferentes fases do ego”...“e a recepção, por parte do artista, de seu pensamento é a primeira recepção criativa deste”. E, “os pensamentos são o que são em virtude do que será feito deles. São os efeitos desses pensamentos afetando o próprio criador,

gerando um texto literário” (S ALLES, 1992: 77). Mas, neste mergulho aos recessos da escritura, podemos também observar momentos diferentes do escritor em relação a esse diálogo intrapessoal. Vemos um escritor que ora escreve para ele mesmo, ora para um leitor e em outros momentos pela obra em si, como nos revela esta pesquisadora ao abordar o fenômeno da criação como ato comunicativo, em que recorre ao signo da criação em suas qualidades intrínsecas: continuidade, criatividade e mediação.

Nesta experiência íntima, na qual o avesso de todas as coisas e um universo de familiaridades nos é revelado, são transpostos os limites exteriores da obra para ampliar o espaço de sua interioridade. E, neste espaço subjetivo, podemos detectar reflexões de toda espécie: pensamentos crescendo por conta da meta que o escritor busca, idéias sendo armazenadas, devaneios buscando operacionalidade e desejos otimistas e pessimistas em interação. Um universo farto de possibilidades, onde habitam dados, informações, apontamentos, frases desconexas, certezas e incertezas.

Os estudos genéticos, com esta nova perspectiva, direcionaram-me como leitora, até então, de textos entregues e definidos a uma nova possibilidade: a aventura de mergulhar nos bastidores da criação artística. Ao mesmo tempo, como professora de redação, senti-me seduzida e induzida, tal qual um geneticista, a penetrar, da mesma forma, no vir-a-ser do fazer escritural do aluno.

Que feliz desafio se colocava diante de mim, professora passiva e paciente, à espera de um convite renovador que me estimulava à capacidade de livrar o aluno de um percurso prisioneiro que aprisiona seu próprio criador.

Nesta exploração dos recessos da produção escrita do aluno, teria a oportunidade de presenciar, numa atrevida cumplicidade, um universo espontâneo, onde o fazer se faz fazer-se, num trabalho mais profundo, que foge do ensino padronizado.

E, numa inversão de prioridades, em que o valor do percurso criativo é resgatado como processo contínuo, mutante e transformador, para colocar-se a nu e, assim, despir e ser despido, surgiu a possibilidade de aventurar-me para além da superfície textual.

Por que não transferir esta nova prática proposta pela crítica genética para o ensino de redação, já que esta atividade vinha navegando em águas turvas e superficiais, e tentar imergir na transparência profunda da ação de redigir, onde uma pluralidade de realizações singulares se manifestam continuamente?

Tal indagação surgiu e exigiu respostas objetivas que me conquistaram e motivaram a realizar tal empreendimento.

Sob outra perspectiva, os arcabouços teórico e prático dos estudos genéticos da expressão escrita do pensamento e, particularmente, da produção textual, convocaram-me, num primeiro momento, a um novo olhar, para depois, conseqüentemente, me apontarem uma nova postura: a de professora-geneticista. E como professora-geneticista ser capaz de ampliar o conceito de texto produzido pelo aluno, que não se limita, também, ao seu último momento – o produto definido e entregue, mas se preocupar, também, em entender como se atualiza o seu movimento de escritura, penetrando, assim, no vir-a-ser do seu texto.

Passei, por conseguinte, a considerar como trabalho criativo do aluno todo o seu percurso até chegar ao texto entregue e, tentada pelo desejo de me infiltrar nos bastidores de seu processo criativo, tive que estabelecer como objetivo a busca pela compreensão deste percurso, a partir das pegadas deixadas pelo próprio criador em seu fazer escritural. Fazer este, caracterizado como um ato permanente de tomada de decisão, como diz Cecília Salles (1992: 31): “são reflexões e discussões para tomada de decisão”. E, neste diálogo intrapessoal, marcado por momentos de opção, o criador busca a melhor palavra, frase, estrutura sintática, estilo, coerência e coesão, enfim, todo um arsenal de exigências lingüísticas para a construção textual escrita. Mas, o geneticista só tem acesso, neste jogo de escolhas, às conseqüências das opções: as rasuras.

A RASURA – ÍNDICE DE CARÁTER TRANSFORMACIONAL

As rasuras surgem porque escolhas são feitas. Surgem como seqüências de gestos no tempo, indicando uma obra em estado permanente de mutação, em que uma rasura fertiliza e engendra outras, deixando transparecer, neste construir e desconstruir, o

caráter indutivo da criação. Caráter este que revela um criador em busca da concretização de seu propósito, de seu projeto até então sonhado, idealizado e em maturação.

Cada criador rasura em nome de determinadas ordens, devaneios, projetos, em restrita obediência, absolutamente essenciais que refletem o seu próprio ser. E neste modificar contínuo, cada escritor mostra-se em seu aspecto único, singular e particular. Segundo Willemart

o escritor rasura e substitui, desloca ou abandona palavras, frases ou parágrafos, procurando certamente melhorar um estilo, realizar uma intenção ou desenvolver um projeto, mas podemos também encarar essa procura como uma tentativa de desvendar seu próprio mistério da criação, ou melhor, de descobrir fazendo como se procede a montagem e a escritura de uma obra (1991: 61).

As rasuras, assim, em seus mecanismos de substituição, acréscimo e/ou eliminação, caracterizam-se como registros do criador no seu caminhar em direção ao texto idealizado. E neste construir são, também, manifestações de busca por maior definição do propósito, do falibilismo da própria busca e incompletude do signo. E, como manifestações vivas do processo criativo, passam a exercer a função de índice e guia controlador desta criação.

Daí o pesquisador geneticista utilizar-se das rasuras como pistas metodológicas do tecer da trama textual. Pistas estas capazes de apontar os princípios e critérios usados pelo criador na tessitura escritural. Critérios internos e singulares que como fios montam a trama e vão configurando-a numa ação contínua de um tecer que se faz tecido.

A rasura como índice nos permite participar desse dialogismo subjetivo do criador que se manifesta na palavra refletida no tempo e concretizada no espaço, numa relação sensível do pensamento com a matéria-prima. O geneticista, desta forma, defronta-se nesta procura com a revelação dos mecanismos criativos, dos procedimentos inter-relacionados e do propósito do criador. A

rasura como índice de caráter transformacional do processo criativo relaciona-se, portanto, com a meta do criador e, nesta interação, reflete o caráter individual do mesmo, caráter este dialógico, em que tradição e passado se mesclam para construir o aqui-e- agora presente. Como pista, a rasura passa a ser um instrumento de comando no sentido de ditar a direção do percurso por meio da relação do criador com o tempo do processo contínuo, num combate com a matéria, para que o texto vá tomando corpo e entre reflexões se permita refletir. Espelha, portanto, a estreita relação do criador com o processo criativo, com mutações deste processo e com os mecanismos e leis que regem estas transformações, num trabalho de inter-relação de semioses sucessivas e simultâneas.

Segundo Louis Hay (1991: 22), estes suportes são por natureza diversos: ora marca dos impulsos iniciais, depósitos da memória distante, como notas, os cadernos, os diários; ora documentos das operações preliminares, como projetos, planos, roteiros; ou ainda instrumentos de trabalho redacional, como esboços, as primeiras redações e mais genericamente os *rascunhos*.

Logo, pude perceber, desta forma, quanto dos hábitos metodológicos, no ensino de redação, são contaminados desde o primeiro contato com os materiais da crítica genética; mas a maioria encontra-se enraizada numa semelhança operacional que acaba impondo sempre um único caminho para a criatividade.

Em contrapartida, Almuth Grésillon (1993: 62) diz que a genética do texto possibilita a mais apaixonante e completa participação na experiência sensível e intelectual da gênese de uma obra literária. Esta participação, porém, só é possível por meio da identificação de documentos, que, além de constituir uma etapa técnica do estudo dos manuscritos, é uma espécie de passagem secreta para o ateliê do artista, onde ele pode ser observado, pelo pesquisador, em plena ação.

Portanto, com o surgimento da crítica genética, o estudo dos documentos de processo torna possível maior aprofundamento da análise textual, vez que, sob as rasuras – traços desordenados, aparentemente sem valor – sempre se encontram verdadeiras pistas para a compreensão do percurso da obra publicada.

Ora, na tentativa de decodificar o processo de criação do discurso escrito do aluno, percebi, por meio dos estudos genéticos, que um horizonte de possibilidades se colocava diante de mim e, numa atenta inquietação, ia formulando perguntas e buscando respostas sem poupar esforços. Tal atitude, porém, se mostrava fruto da intencionalidade de professora-geneticista, fundamentada por resultados de estudos em crítica genética e que, vivendo o mundo da produção escrita interrogava esta própria produção como um ato de redigir, para tentar ir além dos hábitos cotidianos e fixados, em que a excessiva familiaridade com o fazer o esconde. Familiaridade esta que dá a impressão de que é tão conhecida e íntima que já não há mais o que dizer ou procurar. Mas, como me encontrava, naquele momento, na região de inquérito, meus conhecimentos começaram a adquirir sentido e significado, à medida que rastreava os bastidores da produção escrita dos alunos e concentrava meu interesse em acompanhá-los e direcioná-los neste percurso produtivo.

E, neste pesquisar, fazer e transfazer, o enfoque genético aparece com muita força, propondo uma mudança de hábitos, impondo-se com clareza pela multiplicidade de possibilidades que me oferecia e pela rede de conhecimentos que me permitia relacionar passo a passo resultados relevantes à produção escrita. Um olhar iluminador se manifestou e apontou caminhos para o tecer de uma trama que vai se conduzindo com firmeza, pondo a claro o propósito do meu trabalho – *transpor resultados de estudos genéticos para o ensino de redação*. Uma transposição em que tempo e espaço não estão separados, mas entrelaçados na experiência vivida pelo *ser-aí*, na espacialidade do seu mundo-vida que, neste caso, é o mundo da escritura do aluno. Ilumina, deste modo, o fenômeno do processo textual e o põe a descoberto. Desta forma, a unidade percebida revelou-se como uma bússola, apontando o caminho para eu fazer essa mudança e, por meio dela, tentar preencher a lacuna deixada por tantos estudos sistematizados que param ao apontar as contradições e fragilidades pedagógicas e didáticas, para propor um novo olhar e conseqüentemente um novo percurso.

Assim, por que não tentar, da mesma forma, utilizar *os rascunhos – instrumentos de trabalho redacional* – como documentos capazes

de possibilitar uma apaixonante e apaixonada participação na experiência sensível e intelectual do percurso de construção textual do aluno?

Tal questão seduziu-me e induziu-me, mais uma vez, a uma postura de professora-geneticista. Daí a necessidade de recorrer aos registros deixados pelo aluno em seu processo de produção escrita, para tentar penetrar nos recessos de sua escritura e, assim, também participar deste fazer e desfazer, por meio de uma atitude co-participativa e cooperativa.

A VALORIZAÇÃO DOS RASCUNHOS NA BUSCA DE UM MÉTODO

Como professora-geneticista teria a oportunidade de vislumbrar o âmago do fazer textual, direcionada pela transformação – guia controlador deste processo –, surgindo, conseqüentemente, a necessidade de delimitar meu interesse na valorização dos rascunhos do aluno para melhor compreender seu caminhar criativo. Daí a idéia de passar a rastrear e observar as pegadas deste aprendiz em seu construir, cuja observação e posterior reflexão, apresentei em minha dissertação *Pistas e conquistas, na travessia prática do processo de escritura*.

A RASURA E O ENFOQUE SEMIÓTICO

Porém, um desafio colocou-se diante de mim, pois várias são as interpretações dadas às rasuras, mas optei, neste trabalho, por olhar as rasuras com o enfoque de Cecília Salles. Esta pesquisadora as vê sob uma perspectiva semiótica peirceana e em “seu habitat natural – a rasura na criação” (S ALLES, 1991: 47). Tal enfoque resgata os conceitos peirceanos de mente ou pensamento, considerados como um processo contínuo de experiência e regido por Psique ou princípio de vida. Segundo ela, Peirce via mente como habilidade de crescimento contínuo de idéias, idéias em processo de exposição e combinação com outras. Assim, sob tal visão, o geneticista diante das múltiplas traduções do texto – de um pensamento em evolução: idéias que nascem e se combinam – considera o manuscrito como

uma manifestação da mente, expondo a tendencialidade da mesma, seu caminhar para uma meta, que é o desejo do artista de chegar à criação com determinadas características.

Vislumbrei, desta forma, uma criação como um processo em crescimento, evolução e vida se formando a partir de idéias nebulosas, mas que vão se clareando à medida que o criador as completa e agrega, numa semiose infinita, até encontrar sua forma considerada definitiva.

Portanto, tendo também em mente esses princípios semióticos básicos sobre o processo de criação, abordei o momento da rasura na produção escrita dos alunos, como manifestações do desejo de organizar, ordenar e completar o pensamento, na busca pelo texto definido, sendo que, tal como o artista, cada aluno tem seu jeito próprio de rasurar.

Sob este enfoque e envolvida por este embasamento teórico, mais uma vez, a visão de professora-geneticista me conduziu para considerar os rascunhos do aluno como instrumento fundamental na construção de seu texto escrito, pois este olhar apresentava-me a rasura não como uma variante, mas como uma opção e um passo em direção à obra idealizada. Esta consideração é fundamentada no respeito à natureza textual, pois o texto não é apenas um aglomerado de frases. No texto, o significado das partes depende das correlações que elas mantêm entre si. Logo, cada passo se projeta em outro passo e neste caminhar difícil e lento o criador vai construindo, num incessante labor, o texto almejado.

Assim, a observação e o estudo das rasuras, anotações, esquemas, manifestados no rascunho passam a oferecer pistas metodológicas para o professor encontrar meios para estimular e facilitar a produção textual do aluno e, como consequência, fazê-lo se desenvolver nesta habilidade. Diagnosticando a capacidade do aluno de se expressar adequadamente ou não; suas percepções; vivências e opiniões; sua flexibilidade de raciocínio e uso do registro da língua; seus pontos nevrálgicos; sua capacidade de descrever, narrar e argumentar, o professor-geneticista estará mais preparado para administrar este ensino com clareza, objetividade e coerência indispensáveis para fazer da linguagem um instrumento de comunicação.

Porém, ensinar a pensar, a encontrar idéias, a coordená-las, concatená-las e a expressá-las de maneira eficaz, isto é, de maneira clara, coerente e enfática, exige de nós, professores e alunos, um investimento de tempo, dedicação e disciplina. Exigência esta, que se consolida com a constatação básica da crítica genética que considera o texto definitivo de uma obra, publicado ou não, como resultado de um trabalho caracterizado por transformações progressivas. Revela, portanto, o nascimento e a evolução de uma obra a partir de um processo que se atualiza e amadurece por meio de um lento e reflexivo trabalho, realizado com interesse, amor e disciplina.

Jean Bellimin-Noël retrata essa dedicação e disciplina quando diz que

os rascunhos dão testemunho de um labor e da passagem da imperfeição para a perfeição; sua importância não está em permitir um contato com o que se aparenta a uma instância sagrada (um gesto sacralizado, um valor consagrado), mas no fato de representar a manifestação de um talento ou de uma mestria: um saber, um fazer, um savoirfaire (...) os rascunhos, mais próximos da humana fraqueza, mesmo quando se trata de uma façanha tida como sobre-humana, fazem sentir a presença de um trabalhador às voltas com o que resiste, lutando para elevar-se acima de si mesmo e de nós, alguém que, apesar de tudo, vive em nossa escala e partilha nossa condição, um semelhante, um irmão: antes um artesão que um artista (BELLIMIN-NOËL, 1977: 13).

Portanto, é nesta correção infinita, no emaranhado do rascunho que percebemos quanto a produção escrita parece exigir de nós mesmos, fazendo, assim, cair por terra o mito da obra como produto de inspiração divina ou dom especial, motivando tanto o professor quanto o aluno a dedicar mais tempo e atenção para esta atividade.

UMA MUDANÇA DE VISÃO E DE ATITUDE

Para isto, tive que aceitar o desafio de tentar mudar a visão do aluno a respeito da produção escrita, visto que ele ainda é contaminado pela idéia do privilégio de inspirações que impulsionam o criador em sua produção. Desafio da passagem de atitude passiva para todo um procedimento ativo, pulsante, marcado pela consciência da necessidade de trabalho, muito trabalho, como também de tempo para se trabalhar, germinar e montar uma identidade e um método que leve o criador a aprender canalizar as novas experiências nascidas das profundezas de seu interior e que constroem e moldam a arte. Desafio para preparar o aluno a uma habilidade de artesão, incentivando-o a trabalhar intensamente o texto, aprendendo a detectar as articulações que o formam, a elaborar e refletir sobre esta elaboração, procurando transformá-la num processo cada vez mais consciente e preciso. Pois é no corpo-a-corpo com o ato de produção textual que se identificam – e se resolvem – os problemas que a ação de redigir impõe. Desafio em aceitar a precariedade por meio do erro e trabalhar muito os defeitos, sem medo de mostrar essa imperfeição, mas substituí-la pela ousadia de plasmá-la, prepará-la para dar-lhe outra forma. No refletir sobre, estar sempre aprendendo, a começar pela dúvida, vontade e necessidade prática, tentando descobrir dentro do próprio método o avesso, a individualidade e novos elementos.

Logo, anos de persistente vontade de mudar parecia, com esta constatação básica da crítica genética, chegar ao fim, apontando-me o início de um começar renovado, em que uma possível metodologia parecia se impor por meio de uma mudança de atitude no ensino da produção textual.

Difícil trabalho a ser realizado junto à instituição escola, ao professor e principalmente ao aluno. Mas, fiel ao meu propósito de busca por uma renovação no ensino de redação e estimulada pela relevância dessas transposições, pude perceber quão rica e abundante seria a contribuição dos estudos genéticos para este ensino. E, à medida que me envolvia com os resultados da genética textual, colocava-me em movimento na realização das transposições propostas e conseqüentes mudanças, na visão e prática do ensino de redação.

Para isto, senti a necessidade de criar um curso para alunos do terceiro grau de Comunicação Social, em que genética textual e produção textual escrita se cruzem, pois inter-relacionadas permutam-se.

A proposta do curso e os princípios teóricos que nortearam os procedimentos em sala foram apresentados na dissertação de mestrado anteriormente citada. E, através de uma trajetória co-participativa e cooperativa, transformei a sala de aula num laboratório de redação, onde informações, opiniões, idéias, sensações e emoções interagiram e dúvidas e certezas co-habitaram, fazendo brotar um discurso-amoroso entre professor e aluno. E, deste labor interativo, em que se fecundou e se efetivou a conscientização do ato de escrever – do texto em seu contexto, amplo, ativo e mutante –, presenciei meus alunos como artesãos, transformarem hesitações em opções, erros em acertos, tentando superar as dificuldades no uso do código lingüístico, em todos os aspectos e níveis.

Eficiente e eficaz interação que me permitiu, também, mergulhar nos bastidores do processo produtivo do aluno e, gradativamente, acompanhá-lo em cada passo em direção ao texto acabado. Neste procedimento, o rastreamento das alterações manifestadas nos rascunhos serviu de pistas metodológicas para conduzi-lo no tecer da trama textual. E, neste pesquisar buscando, fui me transformando em professora-geneticista, cujo olhar foi desvelando e revelando o fazer deste aprendiz.

Assim, numa próxima etapa, observando e analisando vinte processos de produção escrita, colhidos e selecionados nesta trajetória prática, pude constatar a relevância de algumas transposições de resultados de estudos genéticos para o ensino de redação; captar, entre resultados gerais, duas tendências específicas, ilustradas por meio da apresentação dos processos de criação de dois alunos, descritas no terceiro capítulo de minha pesquisa, e propor uma nova metodologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLIMIN-NOËL, J. *Reproduire le manuscrit, présenter les brouillons, établir un avant-texte – Littérature: genèse du texte*, n. 28, 1977.
- GOZZO, Vera Maria. *Pistas e conquistas, na travessia prática do processo de escritura*. Dissertação de mestrado, Comunicação e Semiótica, PUC: SP, 1995.
- GRÉSILLON, A. Les Silences du Manuscrits. In *Anais do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFCH/USP, 1993.
- HAY, Louis. O texto não existe. Reflexões sobre crítica genética. *Caderno de Textos, Crítica Genética*, n. 5, II série. João Pessoa: UFP, 1991.
- JAKOBSON, Roman. *Poética em ação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1968.
- SALLES, Cecília A. A Rasura na Criação. *Cadernos de Textos, Crítica Genética* n. 5, série II, João Pessoa: UFP, 1991.
- . *Crítica genética – uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.
- SILVA, L. L. & SALLES, C. A. Crítica genética: delimitação de um campo aberto. *Manuscrita*, n. 1, 1990.
- VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- WILLEMART, P. A rasura, senha de entrada no mistério da criação. *Caderno de Textos, Crítica Genética*, n. 5. João Pessoa: UFP, 1991.